

## **Distopia audiovisual e colapso cognitivo: críticas à plataformização em Cassandra<sup>1</sup>**

Isabella Oliveira Rocha <sup>2</sup>

### **Resumo expandido**

O presente trabalho propõe uma análise crítica da série *Cassandra* (Netflix, 2023) a partir das formulações teóricas de Geert Lovink e Thomas Poell, inserindo-se no campo dos estudos da ciberultura e das reflexões sobre os efeitos subjetivos e sociais da plataformização. O objetivo é compreender como a obra audiovisual encena, em chave distópica, as dinâmicas de controle, saturação mental e dependência tecnológica que atravessam o cotidiano contemporâneo, oferecendo uma leitura estética dos sintomas que caracterizam a vida sob o regime informacional das plataformas digitais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, articulando crítica teórica e análise de conteúdo a partir de episódios selecionados da série.

A princípio, o estudo parte da constatação de que as infraestruturas digitais assumiram papel central nas relações comunicacionais, reconfigurando práticas culturais, modos de subjetivação e estruturas de poder. Essa nova condição, que Poell (2022) denomina plataformização da sociedade, implica uma reorganização do campo midiático e informacional, em que empresas tecnológicas passam a deter o poder de curadoria, circulação e visibilidade de conteúdos. Ao mesmo tempo, Lovink (2023) observa que o ambiente digital, marcado pela abundância de dados e estímulos, produz um estado de entropia cognitiva, responsável por afetar a atenção, o pensamento crítico e a imaginação coletiva. A série *Cassandra* dramatiza essas questões ao projetar um futuro em que o colapso da atenção e o controle algorítmico tornam-se experiências cotidianas, convertendo a promessa de liberdade digital em um sistema de vigilância.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático 9 - Algoritmização do consumo e dos comportamentos em rede, economia da atenção do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup> Mestranda no PPGCOM da Escola de Comunicação e Artes - USP; [isabellarochash@usp.br](mailto:isabellarochash@usp.br)

A partir desse panorama, o objetivo central é investigar como Cassandra traduz, em linguagem audiovisual, os efeitos afetivos, cognitivos e políticos da plataformização, explorando suas consequências para a subjetividade e para o imaginário social. Busca-se compreender de que modo a ficção, ao tensionar as fronteiras entre humano e técnico, pode operar como dispositivo crítico frente às arquiteturas extrativistas das redes. O recorte teórico ancora-se em três eixos principais: a entropia digital de Lovink, que descreve o esgotamento mental causado pela hiperconectividade; a reconfiguração midiática proposta por Poell e colaboradores (2022), que explica o deslocamento do poder editorial para as plataformas e o conceito de visibilidade algorítmica formulado por Elizabeth Saad (2023), que problematiza as formas de aparecimento e apagamento cultural no ambiente digital.

A metodologia adota o paradigma qualitativo conforme Denzin e Lincoln (2006), com foco na interpretação dos significados sociais e simbólicos presentes na obra. Foram observadas cenas-chave da primeira temporada de Cassandra, especialmente aquelas que articulam visualmente temas como vigilância, performatividade digital e exaustão. A análise considera os elementos narrativos, estéticos e sonoros que compõem o discurso da série, interpretando-os como signos de um colapso cognitivo mais amplo, produzido pelas mediações tecnológicas.

Os resultados da análise apontam que Cassandra opera como espelho narrativo da entropia digital. A hiperconectividade, apresentada inicialmente como comodidade, transforma-se em prisão sensorial e emocional. Os personagens vivem sob vigilância constante, e o espaço doméstico torna-se laboratório de algoritmos, evidenciando como corpo e mente são integrados às lógicas de monitoramento e produtividade. Essa dependência é representada tanto pela estética acelerada da montagem quanto pela frieza cromática das imagens, que reforçam a sensação de esvaziamento subjetivo. A subjetividade, nesse contexto, é moldada pela performatividade neoliberal descrita por Souza Júnior e Dennis de Oliveira (2023), em que o sujeito é convocado a gerir a si mesmo como projeto, medido por métricas e recompensas simbólicas das plataformas.

Além de traduzir visualmente o colapso da atenção, Cassandra também encena a crise da verdade nas redes. A presença de fake news, deepfakes e inteligências artificiais enviesadas ilustra o colapso da confiança e a manipulação algorítmica da realidade, fenômeno que Lovink identifica como tecnomonstruosidades, produtos de uma tecnologia orientada pela lógica extrativista e ideológica. Essa dimensão é aprofundada pelo modo como a série mostra o apagamento de narrativas e a substituição de corpos e memórias que não servem à manutenção do sistema. A visibilidade algorítmica, conforme Saad (2023), é encenada de forma radical: o que não se adequa à lógica da plataforma é eliminado, literal e simbolicamente.

A série também aborda os efeitos mais perversos da plataformização, como a circulação de desinformação, os vieses dos sistemas de inteligência artificial e a manipulação algorítmica da realidade. É possível enxergar esse contexto de forma exagerada, quando os personagens começam a mentir para o mundo exterior a fim de realizar todas as subordinações da tecnologia que comanda a casa, e conseqüentemente a vida dos que estão presentes.

A discussão teórica e estética revela que a plataformização opera como mecanismo de controle cultural e afetivo, responsável por moldar as percepções e determinar o que pode ser visto, lembrado e sentido. Gillespie (2018) já advertia sobre o poder editorial das plataformas, cuja curadoria automatizada reforça vieses estruturais e silenciamentos. Na ficção de Cassandra, tal processo ganha materialidade visual, tornando-se metáfora da vida sob algoritmos. Ainda assim, a narrativa aponta para a possibilidade de resistência, ao representar personagens que questionam o sistema e buscam alternativas simbólicas de fuga. Esses gestos, embora pequenos, constituem espaços de desvio e imaginação, em consonância com o apelo de Lovink à criação de novos vocabulários críticos e arquiteturas distribuídas.

A atuação das plataformas digitais como curadoras culturais têm provocado profundas distorções nos modos de visibilidade e representação. Ao assumirem o papel de intermediárias quase absolutas da experiência comunicacional, essas infraestruturas técnicas passam a

determinar o que pode ser visto, lido e lembrado e, por consequência, o que será esquecido ou silenciado.

Na série, embora a narrativa seja marcada pelo desencanto, há também lampejos de ruptura. Personagens que se desconectam, que resistem à performatividade imposta, que criam redes informais de cuidado e contrainformação, apontam para brechas no sistema. A própria existência da série, enquanto obra audiovisual que tensiona e denuncia os limites da vida plataformizada, pode ser lida como ato de resistência estética, uma forma de crítica que se dá pela criação.

Inferese que a série Cassandra funciona como alegoria audiovisual do presente informacional, condensando as tensões entre liberdade e controle, conexão e isolamento, visibilidade e apagamento. Ao ser lida sob o prisma dos pensadores digitais, a obra reafirma a urgência de repensar a experiência digital contemporânea não apenas como fenômeno técnico, mas como campo de disputa simbólica e cognitiva. A crítica à plataformização proposta por Lovink, Poell e Saad se articula, assim, à dimensão estética da ficção, que oferece meios sensíveis de reconhecer e resistir ao colapso cognitivo produzido pelas redes.

Entretanto, mesmo diante desse panorama distópico, não se apaga a possibilidade de resistência. Seja por meio de iniciativas descentralizadas, práticas coletivas ou obras críticas como Cassandra, emerge a urgência de imaginar e construir outras formas de habitar o digital, menos opressoras e mais plurais. Recuperar a potência da linguagem crítica, como propõe Lovink, e disputar os sentidos culturais da plataformização, como discutem Saad e Poell, são tarefas centrais para pesquisadores, criadores e cidadãos diante do cenário informacional contemporâneo.

A experiência da trama traduz o impasse contemporâneo entre o desejo de expressão e o esgotamento cognitivo provocado pela lógica das redes. O colapso não se manifesta apenas como sintoma narrativo, mas como espelho de uma cultura que exige produtividade afetiva contínua. A personagem é convocada a “performar” sua dor diante de uma audiência difusa, transformando o sofrimento em conteúdo. Nesse sentido, a série se insere no debate sobre o “capitalismo da

atenção”, em que a visibilidade se converte em valor de troca e a saturação emocional se torna um modo de existir. Ao articular esse mal-estar à linguagem das telas, a produção reforça a tese de que as plataformas não apenas mediam as relações humanas, mas reconfiguram a própria percepção do que é real, íntimo e comunicável.

### **Palavras-chave**

Plataformas Digitais; Colapso Cognitivo; Cultura Audiovisual; Crítica da Internet; Cassandra.

### **Referências**

CARR, Nicholas. *The Big Switch: Rewiring the World, from Edison to Google*. New York: W.W. Norton, 2008.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GILLESPIE, Tarleton. *Custodians of the Internet: Platforms, Content Moderation, and the Hidden Decisions That Shape Social Media*. New Haven: Yale University Press, 2018.

GONZAGA DE SOUZA JÚNIOR, Luiz; DE OLIVEIRA, Dennis. Plataformização: impactos psicopolíticos nos trabalhadores da cultura. *Extraprensa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 177–200, jan./jun. 2023.

G1 SÃO PAULO. Casos de dependência digital em ambulatório da UNIFESP aumentam e chegam a 225 em 2024; veja sintomas. G1, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/02/10/casos-de-dependencia-digital-em-ambulatorio-da-unifesp-aumentam-e-chegam-a-225-em-2024-veja-sintomas.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2025.

LOVINK, Geert. *Extinção da internet: uma crítica do colapso digital*. São Paulo: Ubu, 2023.

NETFLIX. *Cassandra*. Série original. Direção: Benjamin Gutsche. 1ª temporada. 2025.

POELL, Thomas; NIERLING, Anke; VAN DIJCK, José. *Plataformas digitais e sociedade: perspectivas críticas*. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SAAD, Elizabeth. *Economia política da comunicação digital: plataformas e dados*. São Paulo: ECA-USP, 2023.

SAAD, Elizabeth. Visibilidade e transparência nas redes digitais: uma relação nada óbvia. *Medium*, 22 out. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@bethsaad/visibilidade-e-transpar%C3%Aancia-nas-redes-digitais-uma-rela%C3%A7%C3%A3o-nada-%C3%B3via-c6e6eb31f7fa>. Acesso em: 1 jul. 2025.